

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL DO POMBO, MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS-MS

Maria José Neto¹

RESUMO

Com o objetivo de ampliar o acervo dos conhecimentos florísticos no estado de Mato Grosso do Sul, procedeu-se o levantamento florístico do Parque Natural Municipal do Pombo, município de Três Lagoas. A pesquisa foi realizada no período de dezembro de 2011 a agosto de 2012, como parte do plano de manejo da referida área. Os dados obtidos permitiram identificar 403 espécimes de plantas, sendo 402 espécies e uma subespécie, distribuídas em 275 gêneros e 87 famílias. As famílias mais numerosas foram Apocynaceae com 14 espécies, Asteraceae (Compositae) com 11 espécies, Bignoniaceae com 16 espécies, Cyperaceae com 14 espécies, Fabaceae com 58 espécies, Malpighiaceae com 12 espécies, Malvaceae com 18 espécies, Melastomataceae com 17 espécies, Myrtaceae com 18 espécies, Poaceae com 16 espécies e Rubiaceae com 19 espécies. Estas onze famílias contribuíram com aproximadamente 53% do total de espécies, as demais famílias com 47%. A família Fabaceae (Leguminosae), a mais numerosa contribui com quase 15% do total das espécies. Destacam-se como espécies raras: *Centropogon cornutus* (L.) Druce (Campanulaceae); *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. (Ericaceae); *Sisyrinchium vaginatum* Spreng. (Iridaceae); *Cleisthes rodriguesii* (Cogn.) Campacci e *Eulophia alta* (L.) Fawc. & Rendle (Orchidaceae); *Ferdinandusa speciosa* (Pohl) Pohl (Rubiaceae). Os gêneros mais representativos foram *Byrsonima*, *Eugenia* e *Miconia* com 7 espécies cada e *Annona*, *Mimosa* e *Solanum* com 5 espécies cada. Os resultados obtidos acentuam a importância do estudo e conservação de remanescentes de Cerrado da região.

Palavras-chave: Florística, Cerrado, Vegetação Típica de Cerrado

ABSTRACT

With the aim of expanding the collection of floristic knowledge in the state of Mato Grosso do Sul, proceeded to survey the flora of the Municipal Natural Park of Pigeon, Três Lagoas. The survey was conducted from December 2011 to August 2012 as part of the management plan for that area. The data obtained allowed the identification of 403 plant specimens, with 402 species and subspecies, belonging to 275 genera and 87 families. Larger families with 14 species were Apocynaceae, Asteraceae (Compositae) with 11 species, with 16 species Bignoniaceae, Cyperaceae with 14 species, Fabaceae with 58 species, with 12 species Malpighiaceae, Malvaceae with 18 species, with 17 species Melastomataceae, Myrtaceae with 18 species, Poaceae with 16 species and Rubiaceae with 19 species. The eleven families contributed approximately 53% of the total species, other families with 47%. The family Fabaceae (Leguminosae), the most numerous contributes nearly 15% of total species. Stand out as rare species: *Centropogon cornutus* (L.) Druce (Campanulaceae); *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. (Ericaceae); *Sisyrinchium vaginatum* Spreng. (Iridaceae); *Cleisthes rodriguesii* (Cogn.) Campacci; *Eulophia alta* (L.) Fawc. & Rendle (Orchidaceae); *Ferdinandusa speciosa* (Pohl) Pohl (Rubiaceae). The most representative were *Byrsonima*, *Eugenia* and *Miconia* with 7 species each and *Annona*, *Mimosa* and *Solanum* species each with 5. The results highlight the importance of the study and conservation of remnant Cerrado region.

Keywords: Floristic, Cerrado, Vegetation Typical of Cerrado

RESUMEN

Con el objetivo de ampliar el acervo de los conocimientos florísticos en el estado de Mato Grosso do Sul, se procedió el levantamiento florístico del Parque Natural Municipal del Pombo, municipio de Três Lagoas. La investigación se realizó en el período de diciembre de 2011 a agosto de 2012, como parte del plan de manejo de la referida área. Los datos obtenidos permitieron identificar 403 especímenes de plantas, siendo 402 especies y

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas

una subespecie, distribuidas en 275 géneros y 87 familias. Las familias más numerosas fueron Apocynaceae con 14 especies, Asteraceae (Compositae) con 11 especies, Bignoniaceae con 16 especies, Cyperaceae con 14 especies, Fabaceae con 58 especies, Malpighiaceae con 12 especies, Malvaceae con 18 especies, Melastomataceae con 17 especies, Myrtaceae con 14 especies 18 especies, Poaceae con 16 especies y Rubiaceae con 19 especies. Estas once familias contribuyeron con aproximadamente el 53% del total de especies, las demás familias con el 47%. La familia Fabaceae (Leguminosae), la más numerosa contribuye con casi el 15% del total de las especies. Se destacan como especies raras: *Centropogon cornutus* (L.) Druce (Campanulaceae); *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. (Ericaceae); *Sisyrinchium vaginatum* Spreng. (Iridaceae); *Cleistes rodriguesii* (Cogn.) Campacci y *Eulophia alta* (L.) Fawc. Y Rendle (Orchidaceae); *Ferdinandusa speciosa* (Pohl) Pohl (Rubiaceae). Los géneros más representativos fueron *Byrsonima*, *Eugenia* y *Miconia* con 7 especies cada uno y *Annona*, *Mimosa* y *Solanum* con 5 especies cada una. Los resultados obtenidos acentúan la importancia del estudio y conservación de remanentes de Cerrado de la región.

Palabras clave: Florística, Cerrado, Vegetación Típica de Cerrado.

INTRODUÇÃO

A vegetação do cerrado, com cerca de 2 milhões de km² no Brasil, corresponde a 23% da superfície do país, é excedida apenas pela Floresta Amazônica, que cobre cerca de 3,5 milhões de km² do território brasileiro. Todavia, diferentemente da Floresta Amazônica, o Cerrado é um tipo de vegetação confinado ao Brasil, com apenas poucas extensões que alcançam os vizinhos Paraguai e Bolívia. Trata-se de uma vegetação savânica muito antiga, que provavelmente já existia em uma forma prototípica há cerca de 70 ou 80 milhões de anos antes da separação dos continentes. O cerrado é um dos tipos de vegetação florística com maior diversidade no mundo, estima-se que existam mais de 10.000 espécies de plantas, das quais cerca de metade são endêmicas. Como é de amplo conhecimento, a vegetação nativa do cerrado tem sofrido enorme destruição ao longo dos últimos anos, principalmente devido à expansão da agricultura brasileira. As áreas convertidas para uso agrícola têm sido pelo menos duas, ou talvez três vezes maiores do que as áreas exploradas da Floresta Amazônica, mas até recentemente o interesse mundial tem focalizado exclusivamente a conservação deste último bioma e pouca atenção tem sido dada à dramática situação do bioma vizinho, o Cerrado.^{1:2} Antes de começar a ser destruído, o cerrado brasileiro tinha 204 milhões de hectares, hoje, 57% não existe mais. O problema é ainda maior porque a taxa de devastação da cobertura vegetal deste bioma continua muito alta. Estima-se que em 2030, o pouco que resta desse domínio de vegetação pode desaparecer sem ao menos ter sido estudada,³ além do que, a regeneração natural é comprometida pela presença de gramíneas africanas e fogo. Áreas contínuas estão cada vez mais restritas, são fragmentadas em partes menores denominadas remanescentes, os quais geralmente perdem a conectividade entre si, e como

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas

Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro. 2018. ISSN: 2447-8822

consequência pode comprometer a integridade biológica, às vezes em velocidade tão elevada que dificulta estudos em longo prazo. Quando a fragmentação é tanta, a ponto da conectividade da vegetação pode ser perdida e a integridade biológica fica comprometida.⁴ Em se tratando de Cerrado, não se conhece bem o que e quanto pode ser perdido com a fragmentação. Em⁴ apenas quatro décadas, mais da metade da paisagem natural do cerrado já foi modificada. Os processos ecológicos que podem ser perdidos com a fragmentação antrópica ainda não estão bem esclarecidos. Sobre o que não se tem dúvida, é quanto ao papel fundamental da diversidade biológica na manutenção da integridade e no funcionamento dos ecossistemas. As plantas de cerrado, dificilmente podem ser conservadas fora de seu habitat natural, assim como é difícil restaurar essa vegetação onde tenha sido completamente destruída. Por essa razão, preservar amostras do que existe, talvez seja o único caminho para assegurar a sobrevivência de remanescentes de cerrado com sua diversidade e suas fisionomias.¹ Campanhas de conscientização conservacionista têm sido eficazes em motivar pessoas a proteger as florestas, principalmente árvores, mas pouco se fala em proteção de ervas e arbustos, que muitas vezes são vistos como menor importância, e que se forem eliminados as consequências serão menores, engano, pois para cada espécie de planta arbórea ou arbustiva, existem três ou mais espécies herbáceo-arbustivas. Muitas frutíferas do cerrado são arbustivas e o estrato herbáceo tem fundamental importância na contenção da erosão do solo⁶. O cerrado, objeto de estudo deste trabalho, caracteriza-se por duas estações bem definidas: verão chuvoso, inverno seco, mas o efeito do clima sobre o cerrado é indireto, através de sua ação sobre o solo, pois o mesmo clima no Brasil Central sustenta a floresta mesofítica de interflúvio, em solos profundos bem drenados, com pouco alumínio, como sustenta várias densidades de cerrado onde o solo é mais pobre, arenosos ou argilosos e com quantidades consideráveis de alumínio.⁷ A altitude varia entre 300, 900 até 1600 m. A vegetação apresenta formações florestais, savânicas e campestres. As florestas apresentam árvores formando dossel, as savanas árvores e arbustos espalhados sobre um estrato gramíneo, e no campo faltam árvores, os arbustos estão presentes e predominam as plantas herbáceas.⁸ Ainda, para estes autores, as formações florestais contém mata ciliar; mata de galeria; mata seca e cerradão. As savânicas se dividem em cerrado sentido restrito subdividido em cerrado denso, cerrado típico, cerrado ralo e cerrado rupestre (áreas rochosas); parque de cerrado; palmeiral e vereda, e a vegetação campestre constituída de campo sujo, campo rupestre e campo. A flora do Cerrado é diferenciada dos demais biomas, embora muitas

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas

Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro. 2018. ISSN: 2447-8822

espécies compartilhem outros biomas.⁹ A riqueza florística é relativamente bem conhecida, desde uma listagem pioneira elaborada a partir de um estudo na região de Lagoa Santa, Minas Gerais.¹⁰ Posteriormente, muitos outros autores reuniram dados sobre a flora do Cerrado. Listagens isoladas, revisões, catálogos são muitos; mas o maior número de espécies compiladas, se encontram em¹¹ um trabalho que reuniu um total de 12.356 espécies de ocorrência espontânea no Cerrado. O Mato Grosso do Sul, possuiu vastas extensões de Cerrado que ocuparam mais da metade de seu território, mas é o Estado com menor índice de coleta por quilômetro quadrado, quando o ideal de coleta deveria estar em torno de uma exsicata por km², a realidade é de 0.25 espécime.¹² Este panorama dificulta o conhecimento da composição florística. O bioma cerrado, neste estado tem sido alvo de intensa ação antrópica, o que pode ter resultado em grandes perdas de diversidade biológica, além de ter fragmentado a paisagem natural. O reduzido número de áreas protegidas de Cerrado não tem sido suficiente para garantir a conservação adequada de tão importante bioma que além de recobrir 23% do território nacional¹³, já recobriu 65% de Mato Grosso do Sul. O estudo sobre o Parque Natural Municipal do Pombo município de Três Lagoas-MS, teve como objetivos o conhecimento científico da flora local como um dos componentes para o diagnóstico ambiental, especificamente para elaboração do plano de manejo.

METODOLOGIA

O Parque Natural Municipal do Pombo município de Três Lagoas-MS, situa-se em torno das coordenadas geográficas Latitude S 20° 20' 14,90" e Longitude W 52° 35' 22,43". Para realização deste trabalho foram realizadas cinco excursões nas datas 05 e 20 de dezembro de 2011; 01 a 02 de março, 28 a 29 de junho e 22 a 23 de agosto de 2012. Informações básicas sobre a estrutura das áreas foram anotadas em cadernetas escolhidas para esta finalidade, e a terminologia usada baseou-se em literatura especializada⁸. Durante as excursões, procedeu-se observação dos espécimes em fase de reprodução; material estéril também foi fotografado para observações posteriores, quando a identificação no campo não era possível. Os registros fotográficos seguiram recomendações internacionais¹⁴, e o método de caminhamento¹⁵, foi o escolhido para coleta dos materiais. A determinação foi realizada por meio de chaves de identificação, bibliografias especializadas e experiência prévia de membros da equipe. A classificação taxonômica das famílias seguiu o sistema APGII – Angiosperm Phylogeny Group II¹⁶, no qual as famílias se posicionam de acordo com suas

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas.
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro. 2018. ISSN: 2447-8822

relações filogenéticas. As grafias dos nomes científicos e seus descritores seguiram os registros das bases de dados do Missouri Botanical Garden e The International Plant Names Index, ambos disponíveis no sítio The Plant List¹⁷.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram identificados 403 espécimes de plantas, sendo 402 espécies e uma subespécie, distribuídas em 275 gêneros e 87 famílias. As famílias mais numerosas foram Apocynaceae com 14 espécies, Asteraceae com 11 espécies, Bignoniaceae com 16 espécies, Cyperaceae com 14 espécies, Fabaceae com 58 espécies, Malpighiaceae com 12 espécies, Malvaceae com 18 espécies, Melastomataceae com 17 espécies, Myrtaceae com 18 espécies, Poaceae com 16 espécies e Rubiaceae com 19 espécies. Estas onze famílias contribuíram com aproximadamente 53% do total de espécies, as demais famílias com 47%. A família Fabaceae (Leguminosae), a mais numerosa contribui com quase 15% do total das espécies. Destacam-se como espécies raras: *Centropogon cornutus* (L.) Druce (Campanulaceae); *Gaylussacia brasiliensis* (Spreng.) Meisn. (Ericaceae); *Sisyrinchium vaginatum* Spreng. (Iridaceae); *Cleistes rodriguesii* (Cogn.) Campacci e *Eulophia alta* (L.) Fawc. & Rendle (Orchidaceae); *Ferdinandusa speciosa* (Pohl) Pohl (Rubiaceae). Os gêneros mais representativos foram *Byrsonima*, *Eugenia* e *Miconia* com 7 espécies cada e *Annona*, *Mimosa* e *Solanum* com 5 espécies cada. Até o momento não ocorrem espécies em risco de extinção. A listagem das espécies da Flora Fanerogâmica com suas respectivas famílias registradas para o Parque Natural Municipal do Pombo município de Três Lagoas-MS, estão representadas na tabela 1. Nem todo material botânico observado até a presente data, foi identificado até o nível de espécie. É possível que, à medida que esses materiais tenham continuidade de estudos por especialistas, novos táxons possam ser descobertos, o que enriquecerá ainda mais a listagem apresentada. Recomenda-se a continuidade de coletas sistemáticas, pelo menos pelo período de um ano, principalmente nas áreas úmidas, pois podem conter espécies não descritas pela ciência. É de suma importância a proteção de espécies raras ou em perigo de extinção, mas, na atual realidade o Cerrado como um todo deve ser protegido, uma vez que as perspectivas para este bioma não são as melhores³. Durante o período de realização deste trabalho, a principal ameaça percebida foi a presença constante de gado ocupando a área. O pisoteio além de compactar o solo, impede também que brotação ou estabelecimento de plântulas tenha sucesso; processos importantes na regeneração natural da vegetação como um todo. A

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
 2018. ISSN: 2447-8822

presença de plantas invasoras ou ruderais, não parece até o momento motivo de preocupação, pois não estão presentes em quantidades expressivas na área nem em número de espécies ou em quantidade de indivíduos, mas, há que manter atenção, pois já é consenso entre especialistas que a presença de gramíneas africanas principalmente, é um dos grandes inimigos da regeneração natural do Cerrado. Destas estão presentes o capim gordura (*Melinis minutiflora*) e espécies de *Brachiaria*. Uma ameaça iminente é a proximidade das plantações de eucalipto, até o momento é possível prever que a dispersão de sementes desta espécie exótica para dentro da área do parque pode comprometer futuramente as fisionomias características do Cerrado. Tratos culturais como adubação e aplicação de defensivos podem acarretar prejuízos ambientais para a qualidade da água e polinizadores. A diversidade florística encontrada no Parque Natural Municipal do Pombo município de Três Lagoas-MS, permite sugerir novas excursões para observações e coletas pontuais a serem realizadas no futuro com objetivo de amostrar outras espécies que neste período não estavam férteis, que não são poucas, expressando assim a verdadeira riqueza específica do local, principalmente levando-se em conta que os principais períodos de floração no Cerrado não foram amostrados. Com esses levantamentos detalhados, espera-se alcançar bases sólidas para o estudo aprofundado da diversidade e riqueza florística do parque como um todo.

Tabela1. Listagem da Flora Fanerogâmica do Parque Municipal do Pombo, Três Lagoas-MS/Brasil

Espécie	Família
Acanthaceae	<i>Ruellia geminiflora</i> Kunth
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltld.) Micheli
Alismataceae	<i>Echinodorus longipetalus</i> Micheli
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli
Alismataceae	<i>Helanthium tenellum</i> (Mart. ex Schult.f.) J.G.Sm.
Alismataceae	<i>Sagittaria rhombifolia</i> Cham.
Amaranthaceae	<i>Froelichia procera</i> (Seub.) Pedersen
Amaranthaceae	<i>Gomphrena macrocephala</i> A.St.-Hil.
Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> A.St.-Hil.
Anacardiaceae	<i>Anacardium nanum</i> A. St.-Hil.
Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.
Annonaceae	<i>Annona coriacea</i> Mart.
Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i> Mart.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
 2018. ISSN: 2447-8822

Annonaceae	<i>Annona dioica</i> A.St.-Hil.
Annonaceae	<i>Annona nutans</i> (R.E.Fr.) R.E.Fr.
Annonaceae	<i>Annona phaeoclados</i> Mart.
Annonaceae	<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Saff.
Annonaceae	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.
Annonaceae	<i>Xylopia emarginata</i> Mart.
Apiaceae	<i>Eryngium ebracteatum</i> Lam.
Apiaceae	<i>Eryngium elegans</i> Cham. & Schltdl.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.
Apocynaceae	<i>Forsteronia pubescens</i> A.DC.
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes
Apocynaceae	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll.Arg.) Woodson
Apocynaceae	<i>Mandevilla clandestina</i> J.F.Morales
Apocynaceae	<i>Mandevilla longiflora</i> (Desf.) Pichon
Apocynaceae	<i>Mandevilla velame</i> (A.St.-Hil.) Pichon
Apocynaceae	<i>Odontadenia lutea</i> (Vell.) Markgr.
Apocynaceae	<i>Prestonia erecta</i> J.F.Morales
Apocynaceae	<i>Rhabdadenia pohlii</i> Müll.Arg.
Apocynaceae	<i>Schubertia grandiflora</i> Mart.
Apocynaceae	<i>Secondatia densiflora</i> A.DC.
Apocynaceae	<i>Temnadenia violacea</i> (Vell.) Miers
Aquifoliaceae	<i>Ilex affinis</i> Gardner
Aquifoliaceae	<i>Ilex brasiliensis</i> (Spreng.) Loes.
Araceae	<i>Urospatha sagittifolia</i> (Rudge) Schott
Araceae	<i>Xanthosoma striatipes</i> (Kunth & C.D.Bouché) Madison
Araliaceae	<i>Hydrocotyle ranunculoides</i> L.f.
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.
Arecaceae	<i>Allagoptera campestris</i> (Mart.) Kuntze
Arecaceae	<i>Butia archeri</i> (Glassman) Glassman
Arecaceae	<i>Geonoma brevispatha</i> Barb.Rodr.
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia esperanzae</i> Kze
Asteraceae	<i>Aspilia foliacea</i> (Spreng.) Baker
Asteraceae	<i>Bidens gardneri</i> Bak.
Asteraceae	<i>Chrysolaena platensis</i> (Spreng.) H.Rob.
Asteraceae	<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson
Asteraceae	<i>Eremanthus glomeratus</i> Less.
Asteraceae	<i>Gochnatia pulchra</i> Cabrera
Asteraceae	<i>Ichthyothere elliptica</i> H.Rob.
Asteraceae	<i>Lessingianthus ammophilus</i> (Gardner) H.Rob.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Asteraceae	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker
Asteraceae	<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.
Asteraceae	<i>Pterocaulon rugosum</i> (Vahl) Malme
Begoniaceae	<i>Begonia fischeri</i> Schrank
Bignoniaceae	<i>Adenocalymma peregrinum</i> (Miers) L.G.Lohmann
Bignoniaceae	<i>Amphilophium elongatum</i> (Vahl) L.G.Lohmann
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld ex De Souza
Bignoniaceae	<i>Anemopaegma glaucum</i> Mart. ex DC.
Bignoniaceae	<i>Cuspidaria floribunda</i> (DC.)A.H.Gentry
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.
Bignoniaceae	<i>Fridericia cinnamomea</i> (DC.) L.G.Lohmann
Bignoniaceae	<i>Fridericia florida</i> (DC.) L.G. Lohmann
Bignoniaceae	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos
Bignoniaceae	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.)DC.
Bignoniaceae	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.
Bignoniaceae	<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.
Bignoniaceae	<i>Jacaranda rufa</i> Silva Manso
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore
Bignoniaceae	<i>Tabebuia insignis</i> (Miq.) Sandwith
Bignoniaceae	<i>Zeyheria montana</i> Mart.
Bixaceae	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg. (Bixaceae)
Boraginaceae	<i>Cordia sellowiana</i> Cham.
Bromeliaceae	<i>Ananas ananassoides</i> (Baker) L.B.Sm.
Bromeliaceae	<i>Ananas bracteatus</i> (Lindl.)Schult. & Schult.
Bromeliaceae	<i>Bromelia balansae</i> Mez
Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand
Burseraceae	<i>Protium ovatum</i> Engl.
Cactaceae	<i>Cereus hildmannianus</i> K.Schum.
Calophyllaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart. & Zucc.
Calophyllaceae	<i>Kielmeyera variabilis</i> Mart. & Zucc.
Campanulaceae	<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce
Campanulaceae	<i>Lobelia camporum</i> Pohl
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> A.St.-Hil.
Celastraceae	<i>Cheiloclinium cognatum</i> (Miers) A.C.Sm.
Celastraceae	<i>Peritassa campestris</i> (Cambess.)A.C.Sm.
Celastraceae	<i>Salacia elliptica</i> (Mart.) G.Don
Celastraceae	<i>Salacia multiflora</i> (Lam.) DC.
Celastraceae	<i>Tontelea mauritioides</i> (A.C.Sm.) A.C.Sm.(micrantha)
Chloranthaceae	<i>Hedyosmum brasiliense</i> Mart.
Chrysobalanaceae	<i>Couepia grandiflora</i> (Mart. & Zucc.) Benth. ex Hook.f.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Chrysobalanaceae	<i>Hirtella glandulosa</i> Spreng.
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella gracilipes</i> (Hook.f.) Prance
Chrysobalanaceae	<i>Licania humilis</i> Cham. & Schltld.
Chrysobalanaceae	<i>Licania minutiflora</i> (Sagot) Fritsch
Chrysobalanaceae	<i>Licania parvifolia</i> Huber
Chrysobalanaceae	<i>Parinari obtusifolia</i> Hook.f.
Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler
Combretaceae	<i>Combretum laxum</i> Jacq.
Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.
Combretaceae	<i>Terminalia glabrescens</i> Mart.
Combretaceae	<i>Commelina erecta</i> L.
Connaraceae	<i>Connarus suberosus</i> Planch.
Connaraceae	<i>Rourea induta</i> Planch.
Convolvulaceae	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet.
Convolvulaceae	<i>Ipomoea procumbens</i> Mart. & Choisy
Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe
Cucurbitaceae	<i>Melancium campestre</i> Naudin
Cyperaceae	<i>Ascolepis brasiliensis</i> (Kunth) Benth. ex C.B.Clarke
Cyperaceae	<i>Bisboeckelera longifolia</i> (Rudge) Kuntze
Cyperaceae	<i>Bulbostylis paradoxa</i> (Spreng.) Lindm.
Cyperaceae	<i>Cyperus aggregatus</i> (Willd.) Endl.
Cyperaceae	<i>Cyperus cornelii-ostenii</i> Kük.
Cyperaceae	<i>Cyperus luzulae</i> (L.) Retz.
Cyperaceae	<i>Cyperus odoratus</i> L.
Cyperaceae	<i>Cyperus surinamensis</i> Rottb.
Cyperaceae	<i>Eleocharis capillacea</i> Kunth
Cyperaceae	<i>Eleocharis elegans</i> (Kunth) Roem. & Schult.
Cyperaceae	<i>Eleocharis minima</i> Kunth
Cyperaceae	<i>Kyllinga brevifolia</i> Rottb.
Cyperaceae	<i>Rhynchospora exaltata</i> Kunth
Cyperaceae	<i>Scleria mitis</i> P.J.Bergius
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.
Dilleniaceae	<i>Davilla elliptica</i> A.St.-Hil.
Dilleniaceae	<i>Doliocarpus dentatus</i> (Aubl.) Standl.
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea trifida</i> L.f.
Droseraceae	<i>Drosera communis</i> A.St.-Hil.
Ebenaceae	<i>Diospyros hispida</i> A.DC.
Ericaceae	<i>Gaylussacia brasiliensis</i> (Spreng.) Meisn.
Eriocaulaceae	<i>Paepalanthus planifolius</i> (Bong.) Körn.
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus caulescens</i> (Poir.) Ruhland
Eriocaulaceae	<i>Syngonanthus caulescens</i> var. <i>caulescens</i>

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum campestre</i> A.St.-Hil.
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum deciduum</i> A.St.-Hil.
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum suberosum</i> A.St.-Hil.
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus albomaculatus</i> (Pax) I.M.Johnst.
Euphorbiaceae	<i>Croton campestris</i> A.St.-Hil.
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.
Euphorbiaceae	<i>Dalechampia micromeria</i> Baill.
Euphorbiaceae	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken
Euphorbiaceae	<i>Manihot tripartita</i> (Spreng.) Müll.Arg.
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.
Euphorbiaceae	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Poepp. ex Baill.
Euphorbiaceae	<i>Sapium haematospermum</i> Müll.Arg.
Fabaceae	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vogel) Yakovlev
Fabaceae	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan
Fabaceae	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F.Macbr.
Fabaceae	<i>Andira humilis</i> Mart. ex Benth.
Fabaceae	<i>Andira vermifuga</i> (Mart.) Benth.
Fabaceae	<i>Bauhinia curvula</i> Benth.
Fabaceae	<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.
Fabaceae	<i>Bauhinia unguolata</i> L.
Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth
Fabaceae	<i>Calliandra parviflora</i> Benth.
Fabaceae	<i>Camptosema ellipticum</i> (Desv.) Burkart
Fabaceae	<i>Centrosema pubescens</i> Benth.
Fabaceae	<i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip
Fabaceae	<i>Chamaecrista fagonioides</i> H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Chamaecrista serpens</i> (L.) Greene
Fabaceae	<i>Clitoria guianensis</i> (Aubl.) Benth.
Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.
Fabaceae	<i>Copaifera martii</i> Hayne
Fabaceae	<i>Crotalaria longifolia</i> Lam.
Fabaceae	<i>Crotalaria micans</i> Link
Fabaceae	<i>Crotalaria stipularia</i> Desv.
Fabaceae	<i>Dalbergia miscolobium</i> Benth.
Fabaceae	<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth.
Fabaceae	<i>Desmodium discolor</i> Vogel
Fabaceae	<i>Desmodium incanum</i> DC.
Fabaceae	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.
Fabaceae	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Fabaceae	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong
Fabaceae	<i>Enterolobium gummiferum</i> (Mart.) J.F.Macbr.
Fabaceae	<i>Eriosema glabrum</i> Mart. ex Benth
Fabaceae	<i>Eriosema longifolium</i> Benth.
Fabaceae	<i>Eriosema platycarpon</i> Micheli
Fabaceae	<i>Galactia eriosematoides</i> Harms
Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> L.
Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Hayne
Fabaceae	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi
Fabaceae	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel
Fabaceae	<i>Machaerium brasiliense</i> Vogel
Fabaceae	<i>Mimosa capillipes</i> Benth.
Fabaceae	<i>Mimosa hebecarpa</i> Benth.
Fabaceae	<i>Mimosa nuda</i> Benth.
Fabaceae	<i>Mimosa polycarpa</i> Kunth
Fabaceae	<i>Mimosa rixosa</i> Mart.
Fabaceae	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.
Fabaceae	<i>Plathymentia reticulata</i> Benth.
Fabaceae	<i>Platypodium elegans</i> Vogel
Fabaceae	<i>Pterogyne nitens</i> Tul.
Fabaceae	<i>Riedeliella graciliflora</i> Harms
Fabaceae	<i>Sclerolobium aureum</i> (Tul.) Baill.
Fabaceae	<i>Senna rugosa</i> (G.Don) H.S.Irwin & Barneby
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville
Fabaceae	<i>Stryphnodendron obovatum</i> Benth.
Fabaceae	<i>Stylosanthes scabra</i> Vogel
Fabaceae	<i>Stylosanthes viscosa</i> Sw.
Fabaceae	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke
Fabaceae	<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.
Fabaceae	<i>Zornia glaziovii</i> Harms
Gentianaceae	<i>Chelonanthus viridiflorus</i> (Mart.) Gilg
Gentianaceae	<i>Irlbachia pedunculata</i> (Cham. & Schltldl.) Maas
Gesneriaceae	<i>Sinningia elatior</i> (Kunth) Chautems
Gesneriaceae	<i>Sinningia sceptrum</i> (Mart.) Wiehler
Hydrocharitaceae	<i>Ottelia brasiliensis</i> (Planch.) Walp.
Icacinaceae	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers
Lacistemataceae	<i>Lacistema hasslerianum</i> Chodat
Lamiaceae	<i>Aegiphila lhotzkiana</i> Cham.
Lamiaceae	<i>Hyptis eriophylla</i> Pohl ex Benth.
Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.
Lamiaceae	<i>Peltodon tomentosus</i> Pohl

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Lamiaceae	<i>Salvia minarum</i> Briq.
Lamiaceae	<i>Salvia tomentella</i> Pohl
Lauraceae	<i>Nectandra cissiflora</i> Nees
Lauraceae	<i>Ocotea corymbosa</i> (Meisn.) Mez
Lecythidaceae	<i>Eschweilera nana</i> (O.Berg) Miers
Lentibulariaceae	<i>Utricularia foliosa</i> L.
Lentibulariaceae	<i>Utricularia gibba</i> L.
Loganiaceae	<i>Spigelia anthelmia</i> L.
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.
Loranthaceae	<i>Tripodanthus acutifolius</i> (Ruiz & Pav.) Tiegh.
Lythraceae	<i>Cuphea arenarioides</i> A.St.-Hil.
Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.
Lythraceae	<i>Cuphea micrantha</i> Kunth
Lythraceae	<i>Lafoensia densiflora</i> Pohl
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.
Magnoliaceae	<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis campestris</i> (A.Juss.) Little
Malpighiaceae	<i>Banisteriopsis gardneriana</i> (A.Juss.) W.R.And. & B.Gates
Malpighiaceae	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth
Malpighiaceae	<i>Byrsonima guilleminiana</i> A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima intermedia</i> A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima subterranea</i> Brade & Markgr.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima umbellata</i> Mart. ex A.Juss.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich. ex Juss.
Malpighiaceae	<i>Byrsonima viminifolia</i> A. Juss.
Malpighiaceae	<i>Camarea affinis</i> A.St.-Hil.
Malpighiaceae	<i>Camarea hirsuta</i> A.St.-Hil.
Malpighiaceae	<i>Tetrapterys microphylla</i> Nied.
Malvaceae	<i>Eriotheca gracilipes</i> (K.Schum.) A.Robyns
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.
Malvaceae	<i>Helicteres sacarolha</i> A.Juss.
Malvaceae	<i>Herissantia crispa</i> (L.) Brizicky
Malvaceae	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.
Malvaceae	<i>Melochia simplex</i> A. St.-Hil.
Malvaceae	<i>Melochia tomentosa</i> L.
Malvaceae	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.
Malvaceae	<i>Pavonia grandiflora</i> A. St.-Hil.
Malvaceae	<i>Peltaea speciosa</i> (Kunth) Standl.
Malvaceae	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns
Malvaceae	<i>Pseudobombax marginatum</i> (A.St.-Hil.) A.Robyns
Malvaceae	<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart. & Zucc.) A.Robyns

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Malvaceae	<i>Sida cordifolia</i> L.
Malvaceae	<i>Sida rhombifolia</i> L.
Malvaceae	<i>Sterculia striata</i> A. St.-Hil. & Naudin
Malvaceae	<i>Waltheria communis</i> A.St.-Hil.
Malvaceae	<i>Waltheria indica</i> L.
Mayacaceae	<i>Mayaca fluviatilis</i> Aubl.
Mayacaceae	<i>Mayaca madida</i> (Vell.) Stellfeld
Melastomataceae	<i>Acinodendron burchellii</i> (Triana) Kuntze
Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don
Melastomataceae	<i>Macairea radula</i> (Bonpl.) DC.
Melastomataceae	<i>Marcetia velutina</i> Markgr.
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.
Melastomataceae	<i>Miconia chamissois</i> Naudin
Melastomataceae	<i>Miconia fallax</i> DC.
Melastomataceae	<i>Miconia ferruginata</i> DC.
Melastomataceae	<i>Miconia ligustroides</i> (DC.) Naudin
Melastomataceae	<i>Miconia stenostachya</i> DC.
Melastomataceae	<i>Miconia theizans</i> (Bonpl.) Cogn.
Melastomataceae	<i>Microlicia myrtoidea</i> Cham.
Melastomataceae	<i>Mouriri elliptica</i> Mart.
Melastomataceae	<i>Siphanthera foliosa</i> (Naudin) Wurdack
Melastomataceae	<i>Tibouchina gracilis</i> (Bonpl.) Cogn.
Melastomataceae	<i>Tococa guianensis</i> Aubl.
Melastomataceae	<i>Trembleya phlogiformis</i> DC.
Meliaceae	<i>Cedrela odorata</i> L.
Menispermaceae	<i>Cissampelos ovalifolia</i> DC.
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul
Myrtaceae	<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (Kunth) O.Berg
Myrtaceae	<i>Campomanesia adamantium</i> (Cambess.) O.Berg
Myrtaceae	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Cambess.) O.Berg
Myrtaceae	<i>Campomanesia pubescens</i> (Mart. ex DC.) O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia angustissima</i> O. Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia bimarginata</i> DC.
Myrtaceae	<i>Eugenia calycina</i> Cambess.
Myrtaceae	<i>Eugenia inundata</i> DC.
Myrtaceae	<i>Eugenia klotzschiana</i> O.Berg
Myrtaceae	<i>Eugenia pitanga</i> (O.Berg) Nied.
Myrtaceae	<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.
Myrtaceae	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.
Myrtaceae	<i>Myrcia linearifolia</i> Cambess.
Myrtaceae	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Myrtaceae	<i>Myrciaria guaqueia</i> (Kiaersk.) Mattos & D.Legrand
Myrtaceae	<i>Psidium firmum</i> O. Berg
Myrtaceae	<i>Psidium myrtoides</i> O.Berg
Myrtaceae	<i>Siphoneugena densiflora</i> O.Berg
Nictaginaceae	<i>Guapira noxia</i> (Netto) Lundell
Nictaginaceae	<i>Neea theifera</i> Oerst.
Ochnaceae	<i>Gomphia florida</i> Lye
Ochnaceae	<i>Polyouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Tiegh.
Ochnaceae	<i>Sauvagesia erecta</i> L.
Onagraceae	<i>Ludwigia filiformis</i> (Micheli) Ramamoorthy
Onagraceae	<i>Ludwigia tomentosa</i> (Cambess.) H. Hara
Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth.
Orchidaceae	<i>Cleisthes rodriguesii</i> (Cogn.) Campacci
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium paludicola</i> Hoehne
Orchidaceae	<i>Eulophia alta</i> (L.) Fawc. & Rendle
Orchidaceae	<i>Habenaria glazioviana</i> Kraenzl. ex Cogn.
Orchidaceae	<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindl.) Lindl.
Oxalidaceae	<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. & Zucc.
Passifloraceae	<i>Passiflora foetida</i> L.
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.
Piperaceae	<i>Piper fuliginum</i> Kunth
Piperaceae	<i>Piper umbellatum</i> L.
Poaceae	<i>Andropogon leucostachyus</i> Kunth
Poaceae	<i>Andropogon bicornis</i> L.
Poaceae	<i>Aristida riparia</i> Trin.
Poaceae	<i>Axonopus pressus</i> (Steud.) Parodi
Poaceae	<i>Brachiaria brizantha</i> (A.Rich.) Stapf
Poaceae	<i>Brachiaria decumbens</i> Stapf
Poaceae	<i>Brachiaria mutica</i> (Forssk.) Stapf
Poaceae	<i>Echinolaena inflexa</i> (Poir.) Chase
Poaceae	<i>Gymnopogon foliosus</i> (Willd.) Nees
Poaceae	<i>Leersia hexandra</i> Sw.
Poaceae	<i>Loudetiopsis chrysothrix</i> (Nees) Conert
Poaceae	<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.
Poaceae	<i>Olyra latifolia</i> L.
Poaceae	<i>Panicum schwackeanum</i> Mez
Poaceae	<i>Paspalum lineare</i> Trin.
Poaceae	<i>Trachypogon spicatus</i> (L.f.) Kuntze
Polygalaceae	<i>Bredemeyera floribunda</i> Willd.
Polygalaceae	<i>Polygala violacea</i> Aubl.
Polygalaceae	<i>Securidaca diversifolia</i> (L.) S.F.Blake

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Polygonaceae	<i>Coccoloba mollis</i> Casar.
Pontederiaceae	<i>Pontederia cordata</i> L.
Primulaceae	<i>Clavija nutans</i> (Vell.) B.Stähl
Primulaceae	<i>Myrsine gardneriana</i> A. DC.
Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A.Rich. ex DC.
Rubiaceae	<i>Chomelia ribesoides</i> Benth. ex A.Gray
Rubiaceae	<i>Coccocypselum cordifolium</i> Nees & Mart.
Rubiaceae	<i>Coccocypselum lanceolatum</i> (Ruiz & Pav.) Pers.
Rubiaceae	<i>Cordia sessilis</i> (Vell.) Kuntze
Rubiaceae	<i>Coussarea platyphylla</i> Müll. Arg.
Rubiaceae	<i>Declieuxia fruticosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Kuntze
Rubiaceae	<i>Diodella teres</i> (Walter) Small Dioidia
Rubiaceae	<i>Ferdinandusa speciosa</i> (Pohl) Pohl
Rubiaceae	<i>Galianthe cymosa</i> (Cham.) E.L.Cabral & Bacigalupo
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.
Rubiaceae	<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltld.
Rubiaceae	<i>Mitracarpus frigidus</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) K.Schum.
Rubiaceae	<i>Palicourea rigida</i> Kunth
Rubiaceae	<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.
Rubiaceae	<i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schltld.) Steud.
Rubiaceae	<i>Sipanea hispida</i> Benth. ex Wernham
Rubiaceae	<i>Sipanea pratensis</i> Aubl.
Rubiaceae	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K.Schum.
Salicaceae	<i>Casearia decandra</i> Jacq.
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.
Santalaceae	<i>Phoradendron affine</i> (Pohl ex DC.) Engl. & K. Krause
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.
Sapindaceae	<i>Matayba guianensis</i> Aubl.
Sapindaceae	<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.
Sapindaceae	<i>Serjania erecta</i> Radlk.
Sapindaceae	<i>Serjania lethalis</i> A. St.-Hil.
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.
Sapotaceae	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.
Sapotaceae	<i>Pradosia brevipes</i> (Pierre) T.D.Penn.
Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i> A.St.-Hil.
Smilacaceae	<i>Smilax fluminensis</i> Steud.
Smilacaceae	<i>Smilax goyazana</i> A. DC.
Smilacaceae	<i>Smilax japicanga</i> Griseb.
Smilacaceae	<i>Smilax polyantha</i> Griseb.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.
Solanaceae	<i>Solanum palinacanthum</i> Dunal
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.
Solanaceae	<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.
Solanaceae	<i>Solanum subumbellatum</i> Vell.
Styracaceae	<i>Styrax camporum</i> Pohl
Styracaceae	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees & Mart.
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.
Verbenaceae	<i>Lippia lacunosa</i> Mart. & Schauer
Verbenaceae	<i>Lippia lupulina</i> Cham.
Verbenaceae	<i>Lippia salviifolia</i> Cham.
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta glauca</i> (Pohl) Walp.
Vitaceae	<i>Cissus erosa</i> Rich.
Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.
Vochysiaceae	<i>Qualea multiflora</i> Mart.
Vochysiaceae	<i>Qualea parviflora</i> Mart.
Vochysiaceae	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.
Xyridaceae	<i>Xyris jupicai</i> Rich.
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i> J.König

Dados coletados nos anos 2011 e 2012.

REFERÊNCIAS

1. Durigan, G.; Baitelo, J.B.; Franco, G.A.D.C.; Siqueira, M.F. Plantas do cerrado paulista - imagens de uma paisagem ameaçada. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2004. 475p.
2. MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature, London, v.403, n. 6772, p. 853-858.
3. Machado, R. B.; Ramos Neto, M. B.; Pereira, P. G. P.; Gonçalves, D. A.; Santos, N. S.; Tabor, K.; Seininger, M. Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro. Brasília, DF: Conservação Internacional, 2004. 26p. (Relatório técnico não publicado)
4. Noss, R.F.; Csuti, B. Habitat fragmentation. In: Meffe, G.K.; Carrol, C.R. (Ed.). Principles of conservation biology. 2ed. Sunderland: Sinauer Associates, 1987.p.269-304.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
 2018. ISSN: 2447-8822

5. Sano, E.E.; Rosa, R.; Brito, J.L.S.; Fereira, L.G. Mapeamento semi-detalhado do uso da terra do Bioma Cerrado. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, Brasília, v.43, n.1, p.153-156, 2008.
6. Neto, M.J.; Otsubo, H.C.B.; Cassiolato, A.M.R. *Plantas Ruderais*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010. 364p.
7. Eiten, G. *Vegetação do Cerrado* In: Pinto, M.N. (Ed.). *Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas*. 2. ed. Brasília: UNB- SEMATEC, 1993. 681p.
8. Ribeiro, J.F.; Walter, B.M.T. As principais fitofisionomias do bioma Cerrado. In: Sano, S.M.; Almeida, S.P.; Ribeiro, J.F. (Ed.). *Cerrado: ecologia e flora*. Embrapa Cerrados. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. 2.v. Cap 6, p.151-199.
9. Oliveira-Filho, A.T.; Fontes, M.A.L. Patterns of floristic differentiation among Atlantic forests in southeastern Brazil and the influence of climate. *Biotropica*, Zurich, v.32, n.4b, p.793–810, 2000.
10. Warming, E. Lagoa Santa. In: Warming, E.; Ferri, M.G. *Lagoa Santa: a vegetação de cerrados brasileiros*. São Paulo: EDUSP, 1973. Belo Horizonte: Itatiaia, p.1-284. (Original de 1892.)
11. Mendonça, R.C.; Felfili, J.M.; Walter, B.M.T.; Silva-Jr, M.C.; Rezende, A.V.; Filgueiras, T.S.; Nogueira, P.E. As principais fitofisionomias do bioma Cerrado. In: Sano, S.M.; Almeida, S.P.; Ribeiro, J.F. (Ed.). *Cerrado: ecologia e flora*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. 2.v, 1.279p.
12. Peixoto, A.L. *Coleções biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2003. 228p.
13. Ribeiro, J.F.; Walter, B.M.T. Fitofisionomia do bioma Cerrado. In: Sano, S.M.; Almeida, S.P. (Eds). *Cerrado, ambiente e flora*. Planaltina: EMBRAPA, 1998. p 89-166.
14. Judd, W.S.; Campbell, C.S.; Kellogg, E.A.; Stevens, P.F.; Donoghue, M.J. *Sistemática vegetal: um enfoque filogenético*. 3. ed Porto Alegre: Artmed, 2009. 632 p.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822

15. Filgueiras, T.S.: Brochado, A.L.: Nogueira, P.E.; GUALA, G.F. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. Caderno de Geociências, Rio de Janeiro, v.12, n.4, p.39-43, 1994.
16. Angiosperm Phylogeny Group II. An update of the angiosperm phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. Botanical Journal of the Linnean Society, London, v.41, n.11, p.399-436, 2003.
17. The Plant List. Disponível em: <<http://www.theplantlist.org>> Acesso em agosto/setembro, 2012.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas
Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, Três Lagoas, v. 7, n.2, pp. 41-58, agosto/dezembro.
2018. ISSN: 2447-8822